

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Zero Hora

CLASS. : 246

DATA : 01 09 88

PG. : _____

Ticunas denunciam massacre em livro

Por NELCIRA NASCIMENTO
Editoria Local/ZH

Uma campanha nacional que visa respaldar a denúncia da tribo de índios Ticunas, do Alto Solimões, que no início do ano teve um de seus grupos emboscados e chacinados por posseiros, foi lançada ontem à noite, na Assembléia Legislativa. No ataque, dia 28 de março último, em Igarapé do Capacete, no município de Benjamin Constant (Amazonas) morreram 14 índios e foram feridos à bala mais 22. Dez corpos foram atirados no rio Solimões e estão desaparecidos até hoje, entre eles, cinco crianças. Os ticunas, em torno de 20 mil, vivem na região do Alto Solimões e são a maior tribo do País. Num dossiê, que leva o nome "A Lágrima Ticuna é Uma Só", o Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões faz um relato do que ficou conhecido como o massacre dos ticunas, reconstitui os depoimentos dos sobreviventes, e denuncia a impunidade, uma vez que o inquérito até agora se arrasta.

O presidente do Conselho das Tribos Ticunas, cacique Pedro Inácio Pinheiro, Ngematlicú, que na linguagem da tribo significa "onça sem pinta", explicou ontem os objetivos do livro que, antes de mais nada, "é uma denúncia da omissão da Funai". Denunciou ainda que o massacre foi conduzido pelo madeireiro Oscar Castelo Branco, que liderou o ataque junto com grupos interessados na extração de madeira, pesca e caça predatória e está ligado ao contrabando de drogas no Amazonas, na fronteira com a Colômbia.

Cinco meses após a chacina, cuja responsabilidade o próprio governo determinou que fosse apurada, os ticunas ainda choram seus mortos e esperam que os criminosos sejam presos. A antropóloga Jussara Gruber, gaúcha que há 11 anos estuda a tribo Ticuna e que integra o Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões, afirma que por decisão do Tribunal Federal de Recursos, a competência para conduzir o processo judicial foi deslocada da Justiça Federal para a Justiça comum da comarca de Benjamin Constant, o que significa que ninguém será responsabilizado. Além disso, dos oito presos, três sequer tiveram prisão preventiva decretada, e os demais foram soltos há três meses e meio, embora a chacina "tenha tido repercussão nacional e internacional".

Mobilização

A Assembléia Legislativa gaúcha divulgou ontem um mani-



Loir Gonçalves/ZH

Cacique Pedro Pinheiro: omissão da Funai

esto assinado pelos deputados em que afirma que "com o clima de impunidade que se configura, renovam-se as ameaças de morte aos líderes indígenas, bem como as ações de intimidação ao povo Ticuna". Ao mesmo tempo os deputados querem que o poder executivo federal dê com a máxima urgência um tratamento sério à questão e que sejam demarcadas as áreas indígenas dos ticunas, denominadas Évaré 1 e 2, Nova Itália e Betânia. Os ticunas possuem em torno de 980 mil hectares divididos em oito áreas que abrangem seis municípios. Até hoje não foram demarcados sequer 10% da área, sendo que as principais reservas são as de Évare 1 e Évare 2, onde existem 46 aldeias e 12 mil ticunas. A antropóloga, Jussara Gruber salientou que os ticunas apesar do contato com os brancos, mantêm suas tradições, sua cultura e seus rituais que estão ameaçados de desaparecimento se nada for feito. O cacique Pedro Inácio Pinheiro afirmou que na verdade os ticunas são chamados Magüta, mas que receberam o nome de ticunas pela característica da tribo, cujos integrantes pintam o nariz com jenipapo de cor preta. Hoje, à espera de justiça, o cacique afirma que o povo ticuna é pacífico de tal forma, que dias após o massacre de março, poderia ter reunido os 20 mil índios e revivido a agressão, mas eles acreditaram que a violência seria punida. Hoje ele afirma que nunca venderá as terras de seu povo como querem alguns exploradores e que quando mataram o grupo de índios ticunas "todos nós, ticunas, sangramos e morremos juntos", conclui.